

LIVROS E RAQUETES 09/06/2026

por Marcia Mazo

RELATO DE UM CERTO ORIENTE - MILTON HATOUM. Foi escrito aos 37 anos e logo ganhou o prêmio Jabuti. Ele escreve à mão. Levou 10 anos para escrever o segundo livro: Dois Irmãos, que também ganhou o prêmio Jabuti.

elato

Entendo por que *Relato de um Certo Oriente* é tão valorizado pela crítica, especialmente pela construção da memória, da identidade e das relações familiares. No entanto, não gostei da leitura, me perdi várias vezes com tantos personagens. Sua narrativa é fragmentada e lenta para o meu gosto, e não me despertou um vínculo emocional com os personagens.

Para o autor, a infância e a juventude são momentos da vida de grandes descobertas, e também de grandes traumas, e isso está registrado em Um certo Oriente.

Começou a fazer arquitetura, estimulado pela coleção Tesouro da Juventude saiu de Manaus aos 15 anos com um amigo e foi cursar Arquitetura na UnB, em Brasília, e terminou o curso na USP, em São Paulo.

Manaus também é uma personagem do livro, ele queria que os leitores conhecessem uma Manaus que foi a nossa Paris nas décadas de 40 e 50, e que foi se deteriorando a partir da Zona Franca.

Na Manaus da década de 1950 conviviam várias famílias de origem oriental e mediterrânea-oriental, especialmente japonesas, sírio-libanesas e judaico-marroquinas. Essa mistura marcou profundamente a cultura, o comércio e até a literatura amazonense — como aparece no romance Dois Irmãos, também de Hatoum, inspirado justamente nesse universo de famílias árabes em Manaus. Também tinha uma atmosfera muito particular: decadência econômica após o ciclo da borracha, casarões ainda elegantes, comércio intenso no centro, e uma convivência multicultural rara no Brasil. É exatamente esse cenário que aparece nos romances de Milton Hatoum.

Os romances de Hatoum não reproduzem uma família específica, mas refletem experiências reais da comunidade libanesa e síria em Manaus. <https://cdsa.aacademica.org/000-030/1337.pdf>

Em **Relato de um Certo Oriente** aparecem: ressentimentos familiares, imigração, memória, sensação de desenraizamento, Manaus como personagem viva.

Milton Hatoum cresceu nesse ambiente de famílias árabes em Manaus. Seus livros mostram casas cheias de memória, conflitos entre tradição e modernidade, filhos divididos entre Oriente e Amazônia, comerciantes enriquecidos, ressentimentos familiares silenciosos.

**Relato de um Certo Oriente** é talvez o retrato mais sensível dessa imigração.

Os sírios e libaneses chegaram ao Amazonas desde o final do século XIX, mas muitas famílias já estavam plenamente estabelecidas em Manaus nos anos 1950. Atuavam

principalmente no comércio, armarinhos, tecidos, navegação e exportação.  
<https://aca.org.br/comunidade-arabe-no-amazonas/>

Entre sobrenomes conhecidos no Norte estavam Sabbá, Benchimol, Bitar, Daher, Mestrinho, Jafet, Abrahim e Salomão.

Muitos eram cristãos maronitas ou ortodoxos, embora também houvesse muçulmanos e judeus de origem árabe. A expressão “turco” era comum na época para designá-los, porque muitos chegaram com passaporte do antigo Império Otomano.  
<https://ri.uea.edu.br/server/api/core/bitstreams/b472aa08-b83f-4ea8-9103-d8a2438ecf67/content>

Grande parte das famílias sírio-libanesas e judaico-marroquinas vivia e trabalhava perto da Rua dos Barés, Avenida Eduardo Ribeiro, entorno do Mercado Municipal, porto de Manaus.

Na dissertação DO CEDRO À SERINGUEIRA: MEMÓRIAS DA COMUNIDADE SÍRIO-LIBANESA NO AMAZONAS de GEORGIA POZZETTI DAOU, a autora se debruçou nas memórias dos descendentes sírio-libaneses no Amazonas, buscando dar visibilidade à participação desses imigrantes no desenvolvimento da sociedade amazônica. Consideramos que as memórias dos mais velhos são importantes elos para a continuidade cultural de um povo, por isso, foram selecionadas dez pessoas para participarem do estudo, considerando serem da terceira geração, maiores de sessenta anos e que fazem parte de uma mesma rede social, formada na época dos primeiros imigrantes. A metodologia utilizada refere-se a pesquisa bibliográfica, que colabora no entendimento dos movimentos migratórios dos sírio-libaneses para o Brasil; e a história oral, que através de entrevistas, possibilita a (re)visitação das memórias compartilhadas. Ao revelar essas narrativas compartilhadas, faz-se um panorama de como cada participante enxerga a imigração de seus antepassados e a continuidade da cultura sírio-libanesa atualmente. Na composição dessa dissertação, participam, além das narrativas, os acervos pessoais dos entrevistados, revelando como atuam na constituição das memórias e no reconhecimento das origens sírio-libanesas. A pesquisa foi realizada nos anos de 2019 e 2020, sendo as entrevistas aplicadas por telepresença, de acordo com as diretrizes para o isolamento social da Covid-19. Para fechamento desse estudo, considera-se que as memórias dos entrevistados ainda carregam elementos que os levam a serem reconhecidos como sírio-libaneses, assim como revelam a vontade pela continuidade dessas memórias às novas gerações, ainda que a cultura de origem seja afetada pela cultura local.  
<https://ri.uea.edu.br/server/api/core/bitstreams/b472aa08-b83f-4ea8-9103-d8a2438ecf67/content> (O cedro é a árvore símbolo do Líbano)

A imigração libanesa para o Amazonas faz parte da formação social e econômica da região Norte. Ela começou no fim do século XIX e transformou profundamente Manaus e várias cidades ribeirinhas da Amazônia.

Na época, o atual Líbano fazia parte do Império Otomano. Muitos emigraram por crises econômicas, perseguições políticas e religiosas, pobreza nas áreas rurais, serviço militar obrigatório otomano.

Ao mesmo tempo, a Amazônia vivia o auge do ciclo da borracha e parecia oferecer oportunidades rápidas de enriquecimento.

Muitos embarcavam sem saber exatamente onde ficava o Amazonas. Chegavam primeiro a Belém, e depois subiam os rios até Manaus e o interior amazônico.

A cozinha manauara incorporou muitos hábitos árabes, como as comidas comuns nas famílias orientais: quibe, esfiha, arroz com lentilha, tabule, doces com tâmaras e nozes., que foram misturados aos pratos amazônicos: tucunaré, tacacá, farinha, banana frita, e peixes de rio.

Muitas famílias enriqueceram rapidamente porque trabalhavam em redes familiares, emprestavam dinheiro entre parentes, mantinham forte solidariedade comunitária, aceitavam viver em locais isolados do interior.

Com o tempo passaram de mascates a donos de lojas, de comerciantes a exportadores, de pequenos lojistas a industriais e políticos.

Os imigrantes árabes se misturaram profundamente à vida amazônica, pois, aprenderam a navegar os rios, adotaram ingredientes locais, casaram-se com brasileiros, incorporaram hábitos indígenas e caboclos.

Ao mesmo tempo preservavam a culinária árabe, festas religiosas, idioma, forte vida familiar. Essa fusão criou uma identidade “árabe-amazônica” muito singular.

Quando o ciclo da borracha entrou em crise no início do século XX, muitos comerciantes faliram. Mas várias famílias sírio-libanesas sobreviveram porque diversificaram os negócios, mantiveram comércio de abastecimento, atuavam em redes regionais.

Diferente de outros lugares do Brasil, no Amazonas os árabes penetraram profundamente o interior fluvial, tornaram-se intermediários econômicos dos rios, criaram uma cultura híbrida amazônico-oriental, ajudaram a formar a elite comercial de Manaus.

Até hoje essa herança aparece nos sobrenomes, na culinária, no comércio tradicional, na arquitetura, na literatura amazonense.

Ver também Entrevista com Fátima Bernardes

[https://www.google.com/search?q=entrevista+de+miguel+hatoum&oq=entrevista+de+miguel+hatoum&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigAdIBCTgxMDZqMGoxNagCC LACAfEFHhioVgdg3U&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:d581eb0a,vid:byq6cZriTyQ.st:0](https://www.google.com/search?q=entrevista+de+miguel+hatoum&oq=entrevista+de+miguel+hatoum&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigAdIBCTgxMDZqMGoxNagCC LACAfEFHhioVgdg3U&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:d581eb0a,vid:byq6cZriTyQ.st:0)

**A memória árabe dos escritores amazonenses:**  
<https://ri.uea.edu.br/server/api/core/bitstreams/b472aa08-b83f-4ea8-9103-d8a2438ecf67/content>

Milton Hatoum e a memória nas narrativas

Elizabeth Azize e o romance histórico

Pedro Lucas Lindoso e as crônicas regionais

Sálvia Haddad e as memórias autobiográficas